

Se alguém vos annunciar outro Evangelho além do que já recebestes, seja anathema.

S. PAU. AOS GALA. I, 9.

A REFORMA

FOLHA EVANGELICA

Não creaes a todo o espirito, mas provaes se os espiritos são de Deus; porque já muitos falsos prophetas tem vindo ao mundo.

1.ª S. João IV, 1.

Pregai o Evangelho a toda a creatura.

S. MAR. XVI, 15

Publica-se na primeira e terceira quinta-feira de cada mez.—Preço d'assignatura (paga adiantada): Anno 240, semestre 120 reis.

Para as provincias accresce o porte do correio

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, RUA DA BOA-VISTA N.º 497 — PORTO.

UM BISPO ROMANO SOBRE A INFALLIBILIDADE

Discurso proferido pelo bispo Strossmayer, no concílio do vaticano, traduzido do inglez por R. H. M.

(Continuado do n.º 16)

Não encontrando vestígio algum do Papado nos dias dos Apostolos, disse eu commigo mesmo, achei o que procuro nos annos da Igreja. Pois dil-o-hei francamente — procurei um Papa nos quatro primeiros seculos, e não o encontrei.

Nenhum de vós, julgo eu, poreis em duvida a grande auctoridade do Santo Bispo de Hippona, o grande S. Agostinho. Este virtuosissimo doutor, honra e gloria da Igreja Catholica, era secretario do concilio de Milevis. Nos canones d'essa veneravel assembleia encontram-se estas significativas palavras: «Quem appellar para aquelles de além mar não será admittido á communhão por ninguem na Africa.» Tão longe estavam os Bispos da Africa de reconhecerem o Bispo de Roma que fulminavam com a excommunhão os que recorriam ou appellavam para elle.

Os mesmos Bispos, no sexto concilio de Carthago, ao qual presidiu Aurelio, Bispo d'aquella cidade, escreveram a Celestino, Bispo de Roma, advertindo-lhe que não recebesse appellos dos bispos, ou clérigos da Africa; que não enviasse mais legados ou commissarios; e que não introduzisse o orgulho humano na igreja. É facto evidente que o Patriarcha de Roma tinha tentado desde os tempos mais remotos attrahir para si toda a auctoridade; mas é egualmente evidente que elle não tinha a supremacia que os ultramontanos lhe querem attribuir. Se a possuísse, teriam ousado os Bispos da Africa — com S. Agostinho á sua frente — prohibir os appellos dos seus decretos para este supremo tribunal? Confesso sem difficuldade que o Patriarcha de Roma occupava o primeiro lugar. Uma das leis de Justiniano diz: «Ordenemos, depois da difinição dos Quatro Concilios, que o Santo Papa da antiga Roma seja o primeiro dos bispos, e que o Altissimo Arcebispo de Constantinopla, que é a nova Roma, seja o segundo.»

Curva-te então á supremacia do Papa, me direis vós. Não tireis tão depressa essa conclusão, meus veneraveis irmãos, visto que a lei de Justiniano traz escripto na face: «*Da ordem das Sés Patriarchaes*», presidir é uma coisa — o poder porém de jurisdicção é outra. Por exemplo, supponhamos que havia em Florença uma reunião de todos os bispos do reino, o primeiro lugar seria concedido ao Primaz de Florença, assim como, entre os orientaes, seria dado ao Patriarcha de Constantinopla, e na Inglaterra ao Arcebispo de Canterbury.

Mas nem o primeiro, nem o segundo, nem o terceiro deduziria d'essa posição uma jurisdicção sobre os seus collegas.

A importancia dos Bispos de Roma procedia não d'uma auctoridade divina, mas sim da cidade em que tinham a sua séde. O Arcebispo Darboy não é superior em dignidade ao Arcebispo de Avignon; mas não obstante, Paris dá-lhe uma consideração, que elle não teria se em lugar de ter o seu palacio ao lado do Sena o tivesse ao pé do Rodano.

O que é verdade na ordem religiosa é igualmente verdade em materias civis e politicas. O Prefeito de Roma não é mais do que o de Pisa; mas civil e politicamente tem maior importancia. Eu disse que desde os primeiros seculos o Patriarcha de Roma aspirava ao governo universal da Igreja. Infelizmente, quasi attingiu a isso; mas com certeza não conseguiu tudo o que pretendia, porque o Imperador Theodosio II promulgou uma lei em que prescrevia que o Patriarcha de Constantinopla tivesse egual auctoridade á do Patriarcha de Roma — (*Leg. cod. de sacr. etc.*) Os Padres do Concilio de Calcedonia collocaram os Bispos da nova e velha Roma na mesma ordem em todas as coisas, mesmo ecclesiasticas. (*Can 28*).

O sexto Concilio de Carthago prohibiu a todos os Bispos o tomarem o titulo de Principe dos Bispos ou de Bispo Soberano.

Quanto ao titulo de Bispo universal, que os Papas adoptaram posteriormente, S. Gregorio I, na persuasão de que os seus successores nunca pensariam em arrogal-o a si, escreveu estas notaveis palavras: — «Nenhum dos seus antecessores tem consentido tomar este nome profano; porque quando um Patriarcha adopta o nome de *Universal*, o titulo de Patriarcha cahe em descredito.

Longe pois a ideia dos christãos o arrogarem um titulo que desacredita aos seus irmãos.»

Estas palavras de S. Gregorio foram dirigidas aos seus collegas de Constantinopla, que ambicionavam a primazia da Egreja. O Papa Pelagio II, chama a João, Bispo de Constantinopla, que aspirava ao Summo Sacerdocio, «impio e profano.» Não vos importeis, dizia elle, com o titulo de universal, que João usurpou illegalmente; não adopte nenhum dos Patriarchas este nome profano, pois quantas desgraças não deviamos de recear se entre os sacerdotes se abrigassem taes sentimentos? Alcançariam o que já foi vaticinado d'elles — «E' elle o Rei dos filhos da soberba.» (*Pelagio II, carta 13*).

Estes testemunhos (e eu podia acrescentar mais d'um cento d'elles de egual valor), não provam, com uma clareza egual ao esplendor do sol ao meiodia, que os primeiros Bispos de Roma não foram reconhecidos senão muito mais tarde, como Bispos universaes e chefes da Igreja?

E demais, quem não sabe que desde o anno 325 em que foi celebrado o primeiro concilio de Ricca, até 580, o anno do segundo Concilio ecumenico de Constantinopla, entre mais de 1:109 bispos que assistiram aos seis primeiros concilios geraes não se

acharam mais de dezenove bispos occidentaes? Quem não sabe que os concilios eram convocados pelos Imperadores sem darem parte ao bispo de Roma, e algumas vezes até contra a sua vontade?—que Hosio bispo de Cordova, presidiu ao primeiro concilio de Ricca, e formulou os seus canones? O mesmo Hosio presidiu depois ao concilio de Sardica, excluindo os legados de Julio, bispo de Roma.

Não digo mais, veneráveis irmãos, e passo agora a fallar do grande argumento que vós já mencionastes, que estabelece a primazia do bispo de Roma na «pedra».

Se elle fosse verdadeiro, acabaria toda a questão, mas os nossos antecessores que com certeza sabiam alguma coisa, não pensavam como nós pensamos. S. Cyrillo, no seu quarto livro sobre a Trindade, diz: «Creio que deveis entender pela «pedra» a fé inabalavel dos Apostolos.

S. Hilario, bispo de Poitiers, no seu segundo livro sobre a Trindade, diz: A «pedra» é a bem dita e unica rocha da fé confessada por bocca de S. Pedro»; e no sexto livro da Trindade, diz que é n'esta «pedra» da confissão da fé que a Igreja está fundada.» Deus diz, S. Jeronimo, no livro sexto de S. Matheus fundou a sua Igreja n'esta rocha, e é d'esta rocha que o Apostolo Pedro recebeu o nome.

Depois d'elle, diz S. Chrysostomo, na sua quinquagesima terceira homilia sobre S. Matheus, «n'esta rocha edificarei a minha Igreja, isto é, na fé da confissão.» Ora qual foi a confissão do apostolo? Aqui está: «Tu és o Christo, Filho de Deus vivo.» Ambrosio, o santo arcebispo de Milão (sobre a 2.ª Epistola aos Efesios) S. Basilio de Seleucia, e os Padres do concilio de Calcedonia, ensinam exactamente a mesma coisa. De todos os doutores da antiguidade christã, S. Agostinho ocupa um dos primeiros logares em sabedoria e santidade. Escutae, pois, o que elle escreve no seu segundo tratado sobre a primeira Epistola de S. João—«Que significam estas palavras—edificarei a minha Igreja sobre esta rocha? Sobre esta fé, sobre aquella que disse: Tu és o Christo, Filho de Deus vivo.» No seu tractado 124, sobre S. João, deparamos com esta phrase altamente significativa: «Sobre esta rocha que tu confessaste, edificarei a minha Igreja, pois Christo era a rocha.»

O grande bispo estava tão longe de pensar que a Igreja estava edificada sobre S. Pedro, que elle disse ao seu povo no seu sermão decimo terceiro—«Tu és Pedro, e sobre esta pedra que tu confessaste, sobre esta rocha que tu conhecestes, dizendo: Tu és Christo, Filho de Deus vivo, edificarei a minha Igreja sobre mim mesmo, que sou o Filho de Deus vivo; edificai-a-hei sobre mim, e não a mim em cima de ti.» O que pensava S. Agostinho sobre esta celebre passagem era a opinião de todas christãos n'aquella tempo. Resumindo, pois, estabeleço o seguinte: 1—Que Jesus deu aos apostolos o mesmo poder que deu a S. Pedro. 2—Que os Apostolos nunca reconheceram em S. Pedro o Vigario de Jesus Christo e infallivel doutor da Igreja. 3—Que S. Pedro nunca pensou em ser Papa, e nunca se houve como se fosse Papa. 4—Que os concilios dos quatro primeiros seculos, reconhecendo a alta posição que o bispo de Roma occupava na Igreja pelo simples facto de estar n'esta cidade, attribuiam-lhe apenas uma preeminencia de honra mas não de poder ou jurisdicção. 5—Que os SS. PP. na famosa passagem, «Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja; nunca entenderam que a Igreja estava edificada em Pedro (super Petrum) mas sim sobre a rocha (super petram), isto é, na confissão da fé do Apostolo. Concluo triumphantemente, com a historia, com a razão, com a logica, com o bom senso, e com uma consciencia christã, que Jesus Christo não conferiu suprema-

cia alguma a S. Pedro, e que os bispos de Roma não chegaram a ser soberanos da Igreja, senão usurpando um por um todos os direitos do Episcopado. (*Vozes de: Silencio; protestante atrevido, silencio!*) Não, não sou um protestante atrevido; a historia não é nem catholica, nem anglicana, nem calvinista, nem lutherana, nem arminia, nem grega scismatica, nem ultramontana. É ella o que é—isto é, uma coisa mais poderosa de que todas as confissões de fé dos canones dos concilios ecumenicos. Escrevei contra ella, se a isso vos atreveis! mas não podeis destrui-la, assim como tirando um tijolo ao Coliseo, por mais que vos canceis, não o vereis cahir por terra. Se tenho dito alguma coisa que a historia prova ser falsa, mostrae-m'a pela historia, e sem hesitar um instante pedirei d'isso desculpa; mas sede pacientes que eu ainda não disse tudo o que desejo e posso; e mesmo quando me esperasse a fogueira na Praça de S. Pedro, não me callava, e sou obrigado a continuar. O arcebispo Dupanloup, nas suas celebres *observações* sobre este concilio do Vaticano, diz, e com razão: «que se declaramos infallivel a Pio IX, devemos necessariamente, e por logica natural, sustentar que todos os seus antecessores foram igualmente infalliveis.» Pois bem, veneráveis irmãos, aqui a historia levanta a voz com toda a sua auctoridade para nos assegurar que alguns Papas erraram. Podeis protestar contra isso ou negal-o como quizerdes, mas vou prova-lo! O Papa Victor (192) primeiramente approvou o montanismo, e depois condemnou-o. Marcellino (296-303) era um idolatra. Entrou n'um templo de Vesta, e offereceu incenso a uma deusa. Direis que foi uma fraqueza; respondo, porém, que um Vigario de Jesus Christo morre, mas não renega. (*Continua.*)

SOBRE O TRABALHO DO DOMINGO

IV

(CONCLUSÃO)

Que exemplos damos áquelles que visitam o nosso paiz? O que hão de dizer de nós os estrangeiros, ainda dos paizes mais longinquos, onde está em observancia o descanso do domingo?

Os mahometanos e os idolatras russos da fronteira da Siberia guardam a sexta-feira, os pagãos de Ormuz e de Gôa e os chinas, a segunda-feira, os habitantes de Guiné e da Nigricia festejam a terça-feira, e os do Mogol a quinta-feira.

E nós não comprehendemos a necessidade d'este repouso, e não acceptaremos este preceito do domingo, eminentemente social, eminentemente conforme com a mesma natureza do homem?

A este respeito citaremos alguns trechos da obra do socialista Proudhon, intitulada a *celebração do Domingo*.

«Para governar os homens, diz elle, basta *procurar a ordem de Deus; tudo o que entra n'esta ordem é bom e justo; tudo o que se afasta d'ella é falso, tyrannico e mau.* O domingo, sabbado christão cujo respeito parece ter diminuido, reviverá em todo o seu esplendor quando a garantia do trabalho for conquistada com o bem estar que é o premio d'elle. *As classes laboriosas tem muito interesse em que se guarde o feriado do domingo, e muito lhes havia custar que elle acabasse.*

«Que melhor espectaculo do que aquelle d'um povo todo reunido para assistir aos deveres do seu culto, para a celebração dos grandes anniversarios? Um espectaculo d'esta natureza é do gosto de todos os homens. O domingo é o dia do triumpho das filhas e das mães. A alegria que elle dá apparece

«por toda a parte. As dores mais pungentes são n'este dia menos agudas; mitigam-se mais as penas; o coração enfermo acha uma doçura desconhecida aos seus pesares. Os sentimentos despertam-se e se apuram, os esposos encontram uma ternura viva e respeitosa, o amor materno os seus encantos, o respeito dos filhos inclina-se com mais docilidade para o ternão desvelo das mães; o servo, este movel com figura humana, inimigo nato d'aquelle que lhe paga, sente-se mais cuidadoso, mais fiel; o amo mais benevolente e menos aspero, o lavrador e o artista, a quem atormenta uma vaga suspeita de egualdade, estão mais contentes com a sua sorte».

«Alguem disse que sem religião não ha poesia, e eu accrescentarei que sem a observancia do domingo não ha religião. Conservemos, restauremos a solemnidade tam eminentemente social e popular do domingo, não só como preceito divino, mas tambem como instituição conservadora dos costumes, fonte d'espírito publico, logar de reuniões inacessíveis á vigilancia policial e com garantia da ordem e da liberdade.

«Na celebração do domingo está depositado o principio mais fecundo do nosso futuro progresso e é a favor do domingo que a reforma se fará».

Não se pôde dizer mais do que estas eloquentes palavras a respeito da moral social.

O operario fortificado pelo descanso do domingo fará nos outros dias tanto trabalho, como quando este trabalho é continuo. Então se fôr preciso fazer em trezentos dias o que se faz em trezentos e sessenta e cinco, o salario necessariamente augmentará e o operario terá ganho na semana o pão do domingo.

Finalmente é ao domingo, durante este benéfico repouso, que o operario, aturdido na semana com a bulha das machinas e das ferramentas, tem algum socego para meditar mais á sua vontade n'aquelles conhecimentos que são inherentes á sua arte ou ao seu officio; as suas ideias seguem então uma direcção mais especulativa. E no domingo, n'estas meditações dignas da alma que muitas vezes se tem feito grandes descobertas industriaes.

A reflexão tem muitas vezes transformado simples artistas em grandes inventores, e a reflexão, quanto aos operarios, não tem logar senão no dia do descanso, que bem se poderia chamar o dia da alma, quando o tumulto exterior pára, quando as paixões se calam na solidão é que o homem se acha elevado por algum tempo, na pura esphera das ideias.

Diremos agora alguma cousa a respeito das lojas e armazens abertos aos domingos. Um abuso bem triste nos invade por toda a parte, é, como uma torrente que ameaça arrastar aquelles mesmos que, pelos seus principios e pela má fortuna deviam ser menos sensiveis aos estímulos do interesse. É um espectáculo bem lamentavel vêr n'esta cidade o commercio e os trabalhos fazerem-se publicamente nos dias do domingo, e este escandalo cada vez se torna mais geral. Se, com effeito, alguns negociantes ou logistas abrem as suas lojas ou armazens ao domingo, um outro logista ou negociante, ciioso do ganho *illicito* dos seus vizinhos, julgando-se justificado pelas perdas, que estes lhe têm feito soffrer, decide-se tambem a abrir, e assim pouco a pouco, abrem-se todas as lojas, cegas pelo interesse. Supponhamos que a desmoralisação chegue a este ponto, que todos vendam e trabalhem indifferentemente aos domingos, sem terem nenhum descanso, o que deve acontecer, que proveito se tirará d'isto? Podemos dizel-o e ninguem nos poderá contradizer. *O commercio não terá senão perdas.*

Ordenadas assim as cousas, no mesmo nivel e em eguaes condições quando todos abrirem as suas lojas ou armazens aos domingos, já nenhum poderá contar com o lucro com que contava quando os seus

vizinhos não abriam. O domingo será então como um dia de trabalho. Mas quantas fadigas, quantos desgostos não acarretará sobre o commercio este excesso de trabalho! Passarem patrões e caixeiros sessenta dias ou mais, nos seus escriptorios para terem os mesmos lucros que tinham d'antes! Não terem um momento de descanso para se occuparem de seus filhos, da sua casa, para descansar o corpo, para recrearem o espirito, oh! que bella especulação! Na realidade, se trabalham, é para gozarem o fructo dos seus trabalhos. Cançar-se sempre, é sujeitar-se a qualquer privações e tormentos de que estão isentos até os mesmos animaes.

Pensará alguem que, trabalhando assim todos os dias, os lucros annuaes do commercio serão mais consideraveis? Illusão que se prova pelos mesmos livros do commercio. Os inglezes, nossos mestres no commercio, bem o sabem, elles que bem longe de trabalharem aos domingos, são tão escrupulosos, que até suspendem a correspondencia; mais bem avisados do que nós, que temos tanto trabalho, para nenhum proveito. Não é effectivamente o trabalho que faz a precisão, é a precisão que excita e que deve regular o trabalho. Embora se augmente o trabalho, nem por isso o consummo será maior. Elle é o que produz as vendas que fornece o trabalho. Quando o consummo é limitado, forçosamente o deve ser tambem o trabalho.

A interrupção do trabalho e da venda aos domingos é do maior interesse material e moral para a sociedade.

Quereis que o commercio prospere sem vos tornardes inutilmente escravos? Negociantes e commerciantes, resolvei-vos como homens livres a resistir á impiedade que vos quer degradar com o jugo d'um trabalho sem descanso.

Vamos concluir esta série de artigos com as seguintes palavras:

A falta da observancia do domingo é um dos flagellos terriveis do nosso tempo, e se o povo senão corrigir d'estes detestaveis abusos, a justiça de Deus por certo se descarregará sobre elle. Não se zomba impunemente de Deus, cedo ou tarde, elle se mostra como Senhor.

Observai o melhor que poderdes, querido leitor, a santa e grande lei do domingo, e gravi religiosamente na vossa memoria o quarto mandamento do decalogo — *lembra-te de santificar o dia de sabado.*

G. D.

NOTICIARIO

Expediente — A redacção d'esta folha mudou para a rua da Boa-Vista n.º 497. E para alli que deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte, bem como toda e qualquer reclamacao ou assumpto relativo á administração da mesma folha.

Honra merecida — Um dos primeiros vultos da tribuna sagrada no nosso paiz, o Revd.º Henrique Ribeiro foi designado para tomar conta da Igreja do fallecido sr. Mora, de honra memoria. Felicitemos-nos com esta noticia por vermos um dos pulpitos evangelicos da capital tam digna e nobremente occupado.

A espada da palavra manejada por Henrique Ribeiro ha de abrir em muitos espiritos cegos pelo fanatismo dos padres romanos, o sulco onde deve cahir o germen da eterna verdade.

Deus abençoe todas as suas pregações, e sejam ellas como a luz do céu entre as sombras sinistras do erro.

Um assanhado campeão do romanismo — Em uma das quintas-feiras passadas, á hora em que se fazia o culto na capella, no largo do Co-

ronel Pacheco, e quando o rev. ministro estava a ler a Sagrada Escripura, surgiu ao de cima das escadas um *typo*, que soltou a sua *piada* em voz alta, fugindo em seguida. Averiguado o caso soubemos que o mysterioso sujeito é um melro de bico amarello que costuma n'este tempo quaresmal, estar no atrio da igreja de S. Bento dos Frades — o foco da reacção n'esta cidade com succursaes em varios pontos do paiz — repotreado deante de uma pequena mesa, onde vende versinhos para antes da missão, versinhos para depois da missão, rosarios, coróas, bentinhos etc., etc., almoçando, jantando, e ceitando de tudo aquillo.

Quem sabe se algum varatojano dos que actual-mente alli prégam incumbiu aquelle seu *caixeiro* d'esta commissão? Bem podia ser.

Fique lá com os seus *deoses*, e com a sua roleta, senhor *marçano* de S. Bento, e deixe-nos em paz. Se nós somos oppostos ao seu commercio é pelo simples facto de o considerarmos como joio semeado no meio do campo do pae de familias — fermento impuro a levar e a corromper a massa pura e singella da fé em Christo, que proclamou a todo o mundo ser o unico mediador e advogado. Temos dito.

Leão XIII — São dignos de especial menção os seguintes apontamentos a respeito do novo Papa Leão XIII.

Interrompeu o discurso dos peregrinos francezes, que principiavam com as tiradas ultramontanas do costume e recommendou-lhes que moderassem o seu zelo. Indicou que não acreditava na theoria de que o Papa era *prisioneiro*, sahindo do Vaticano logo depois da sua eleição. No seu discurso da coroação não alludiu a Pio IX, apesar que o elogio do cardeal di Pietro quasi que o obrigava a fallar n'elle. Mais notavel ainda, n'um discurso dirigido aos parochos de Roma, omitiu aquellas referencias a Virgem Maria, com que Pio IX tanto alimentava a *marionetaria*, e recommendou-lhes que prégassem a Jesus Christo, sobre a sua vida e doutrinas, e não prégarem sómente a devoção á Igreja e ás suas leis, mas tambem de illuminar os entendimentos dos homens, afim de os acautelar contra a incredulidade e a immoralidade, collocando acima de todos os interesses mundanos a gloria de Deus e o bem das almas.

ANNUNCIOS

CULTOS

PORTO—Largo do Coronel Pacheco — Todos os domingos ás 10 horas da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quintas-feiras ás 7 1/2 da noite. Aula biblica nos domingos ás 9 horas da manhã.

VILLA NOVA DE GAYA — Logar do Torne ao pé do tunel — Todos os domingos ás 9 horas da manhã e 3 1/2 da tarde. Todas as quartas-feiras ao anoitecer.

LISBOA — Igreja presbiteriana, Rua das Janellas Verdes, ministro o Revd.º Roberto Stewart. Cultos inglezes — Todos os domingos ás 11 1/2 horas da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quartas-feiras oração, ás 8 horas da noite. Todos os sabbados á mesma hora, aula biblica.

DEPOSITOS ONDE SE ACHAM Á VENDA AS SAGRADAS ESCRITURAS

LISBOA — Janellas Verdes N.º 28.

PORTO — Igreja Evangelica, Largo do Coronel Pacheco.

MADEIRA — Rua da Queimada de Cima, 50.

N'estes depositos encontram-se as sagradas Escripuras em todas as linguas da Europa, e tambem nas linguas originaes, Grega e Hebraica.

Biblias, traducção de Figueiredo — 500 reis.

Idem, traducção de Almeida — 500 reis.

Novos Testamentos, traducção de Figueiredo — 100 reis.

Idem, traducção de Almeida — 100 reis.

Paulmos, traducção de Almeida — 50 reis.

Evangelhos, traducção de Almeida — 30 reis.

Ha um grande sortimento d'estes livros, com ricas encadernações, que se vendem por diversos preços.

Deposito de tractados e livros

LISBOA, JANELLAS VERDES N.º 4

OBRAS PUBLICADAS

- Lucilia ou a inspiração das Escripuras, 324 pag. — 100 reis.
 Preservativo contra Roma, 128 pag. — 50 reis.
 A joven aldeana, 48 pag. — 40 reis.
 Vinde a Jesus, 64 pag. — 40 reis.
 Textos Biblicos, 187 pag. — 300 reis.
 Reflexões sobre a Virgem Maria, 30 pag. — 20 reis.
 Não se deve mudar de religião, 16 pag. — 10 reis.
 Errie, o criado russo, 16 pag. — 10 reis.
 O amigo da casa, 32 pag. — 20 reis.
 O amigo dos peccadores, 48 pag. — 40 reis.
 O livro dos livros, 56 pag. — 40 reis.
 Um homem que matava os seus visinhos, 23 pag. — 30 reis.
 Uma antigualha, 16 pag. — 20 reis.
 André Dum, 77 pag. — 40 reis.
 Hymnos portuguezes (1 vol. encadernado), 215 pag. — 100 rs.
 Devocionarios, 30 pag. — 20 reis.
 Evidencias do Christianismo, 76 pag. — 50 reis.
 Como devemos entender a Biblia Sagrada? 15 pag. — 10 reis.
 O menino da Matta, 32 pag. — 30 reis.
 Jessica, 44 pag. — 40 reis.
 O padre Jacintho, 16 pag. — 10 reis.
 A doutrina da Igreja de Roma e a doutrina da Biblia, 120 pag. — 50 reis.
 Biographia de Martin Boos, 188 pag. — 80 reis.
 Sou Christão? Como o posso saber? 92 pag. — 60 reis.
 O que é um sacramento, 44 pag. — 30 reis.
 O culto domestico, 48 pag. — 20 reis.
 Um homem que abalou o mundo, 80 pag. — 30 reis.
 Luz do Céu, 126 pag. — 60 reis.
 O que crêem os protestantes, 24 pag. — 15 reis.
 O Correio francez, 20 pag. — 20 reis.
 Como lés tu? 46 pag. — 30 reis.

Sermões e orações durante a Semana Santa

NA
EGREJA EVANGELICA

DE
VILLA NOVA DE GAYA

(LOGAR DO TORNE)

| DIAS | HORAS | ASSUMPTOS | PREGADORES |
|--------------------------|---------------|---|---------------------|
| Domingo, | 14 3 1/2 tar. | O peccado perante Deus. | R. H. Moroton. |
| Segunda-feira, | 15 7 1/2 " | O Cordeiro de Deus que tira o peccado do mundo. | Henrique Wright. |
| Terça-feira, | 16 " | Pensamentos affectivos sobre a paixão de Christo. | P.º Guilherme Dias. |
| Quarta-feira, | 17 " | Tudo está cumprido. | Henrique Wright. |
| Quinta-feira, | 18 4 tarde | Substituição e Sagrada Communhão. | R. H. Moroton. |
| Sexta-feira, | 19 9 manhã | O Amor de Christo. | Diogo Casella. |
| Sexta-feira, | 19 7 1/2 tar. | Entero de Christo. | P.º Guilherme Dias. |
| Sabbado 20, | 20 " | Oração. | Diogo Casella. |
| Domingo, | 21 3 1/2 " | Resurreição de Christo. | P.º Guilherme Dias. |

EDITOR RESPONSÁVEL—G. P. DIAS DA CUNHA

Typ. de Viuva Bandeira, Tappas, 85